

## BRASIL, O CORPO NEGRO FEMININO E INCONSCIENTE COLETIVO

*Aline Gomes Oliveira Sobrinho & Patrick Wagner de Azevedo*

### RESUMO

SOBRINHO, A.G.O.; AZEVEDO, P.W. Brasil, o corpo negro feminino e inconsciente coletivo. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 12, n. 37, p. 01-14, 2022.

A experiência coletiva emerge, muitas vezes, influenciada por padrões herdados da humanidade através do inconsciente coletivo e dos arquétipos. Pensando o processo colonial no Brasil e a estrutura social vigente, articulada ao longo dos anos, faz-se importante observar os efeitos das experiências socio-históricas que se refletem na contemporaneidade. Assim, o presente estudo buscou compreender, por meio de narrativas de mulheres negras brasileiras, o sentido da objetificação dos seus corpos. Para tanto, esse trabalho foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema e entrevistas semiestruturadas com mulheres negras. Com isso, pôde-se notar, sobretudo por meio dos relatos, a influência

dos padrões de beleza atuais na autopercepção e na relação com o próprio corpo, a consciência da ação do racismo na sociedade, vivências de hiperssexualização desde a infância, a interferência do meio social na autoestima e, além disso, a indicação do autoconhecimento e da educação como caminhos para a promoção do processo de individuação e das mudanças de perspectiva. Logo, o desvelamento de diferentes sentidos derivados das experiências propiciaram múltiplas percepções sobre a objetificação. A relação com o próprio corpo, mesmo em diferentes vivências, revelou influências provenientes da estrutura socio-histórica brasileira.

**Palavras-chave:** Objetificação; Mulher Negra; Psicologia Analítica.

<sup>1</sup>Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Niterói. Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: patrickwagnerdeazevedo@gmail.com

<sup>2</sup>Bacharel em Psicologia pelos Institutos Superiores de Ensino do Censa - ISECENSA. Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: psi.alinegsobrinho@gmail.com.

## BRAZIL, THE BLACK FEMALE BODY AND THE COLLECTIVE UNCONSCIOUS

*Aline Gomes Oliveira Sobrinho & Patrick Wagner de Azevedo*

### ABSTRACT

SOBRINHO, A.G.O.; AZEVEDO, P.W. Brazil, the black female body and the collective unconscious. **Online Perspectives: Human & Social Applied**, v. 12, n. 37, p. 01-14, 2022.

The collective experience emerges, often, influenced by patterns inherited by humanity through the collective unconscious and the archetypes. Analyzing the colonial process in Brazil and the current social structure, articulated over the years, it becomes important to think about the effects of the socio-historical experiences that resonate throughout contemporaneity. So, the present study has tried to comprehend through the narratives of Brazilian black women, the meaning of their bodies' objectification. The construction of this work started from a bibliographical review about the theme and semi-structured interviews with black women. It was possible to notice the

influence of current beauty standards in self-perception and relationship with their own bodies, the perception of racism's role in society's arrangements, experiences of hyper-sexualization since childhood, how much the social environment interferes on feelings of self-esteem, and the appointment of self-knowledge and education as a way for the process of individuation and changes of perspective. The unveiling of different meanings from the experiences provided multiple views regarding objectification. The relationship between the body, even in your different experiences, also showed echoes from the Brazilian sociohistorical structure.

**Keywords:** Objectification; Black Woman; Analytical Psychology.

<sup>1</sup>PhD in Psychology from the Fluminense Federal University - UFF. Niterói. Rio de Janeiro. Brazil. Email: patrickwagnerdeazevedo@gmail.com

<sup>2</sup>Bachelor in Psychology from the Institutos Superiores de Ensino do Censa - ISECENSA. Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro. Brazil. E-mail: psi.alinegsobrinho@gmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

Entendendo a colonialidade como uma herança ainda vigente em muitos cenários da sociedade brasileira, observar os fenômenos em que ela se manifesta possibilita desvelar sentidos que permeiam tanto o campo subjetivo quanto o coletivo, pois pensar, investigar e questionar os contextos socio-históricos que formam os sujeitos é reconhecer que eles possuem importância no presente. Assim, esse estudo foi elaborado a partir de inquietações e questionamentos acerca das representações e dos papéis sociais atribuídos às mulheres negras devido à imagem construída sobre seus corpos.

Segundo Nogueira (1999), é incontestável a subjugação da vida e dos corpos dos escravizados no período colonial brasileiro. Desse modo, um estudo sobre as representações desses corpos na sociedade permite compreender melhor as estruturas sociais.

O corpo é um signo repleto de expressões e valores atribuídos, que também manifestam ideais da sociedade. O corpo negro, analisando-o a partir da sua condição de escravizado, também produziu e reproduziu diversas representações, tendo sido enxergado não como pertencente a um indivíduo, mas como objeto, conforme Nogueira (1999). Buber (2001) explica que, em uma tipificação de relação Eu-Iso, o indivíduo é notado como um objeto utilizado para que possam ser realizados desejos e vontades de outrem, ou seja, ele é objetificado – como no exemplo do negro.

Nesse sentido, Gonzales (1984) esclarece que elementos da cultura africana também contribuíram para a formação cultural brasileira, porém estes são ocultados muitas vezes – revelando-se, no entanto, sempre de alguma forma. Portanto, em razão dessas tentativas de apagamento das expressões culturais africanas, a mulher negra também foi deturpada: sua imagem e posição social são, de diferentes maneiras, inseridos, desprezados e rejeitados.

De acordo com Jung (2014), os aspectos históricos da humanidade viabilizam a elucidação dos arquétipos – isto é, modelos e formas a ganhar conteúdo e padrões de comportamento humano que recebem significação por meio da vivência em coletivo. Dessa forma, eles assumem características próprias, mantendo, contudo, semelhanças de um mesmo padrão.

Os arquétipos, segundo Jung (2014), são materiais do inconsciente coletivo, sendo este uma camada da psique preenchida por heranças da humanidade. Portanto, ele possui caráter histórico e comum aos indivíduos – ou seja, universal – diferentemente do inconsciente pessoal, o qual é formado a partir de experiências singulares.

Sabendo-se disso, pode-se perceber que o cenário brasileiro também evidencia determinados arquétipos, indicando, assim, um contexto repleto de significados outrora constituídos. Todavia, o crescente debate sobre racialidade e suas implicações revelam uma progressiva conscientização social, o que contribui para modificar sentidos produzidos historicamente.

Pensando nisso, os desvelamentos de significações sobre a objetificação dos corpos, atravessados pelo recorte racial e de gênero compõe o foco deste estudo. Portanto, essa pesquisa propõe-se a contribuir com a aproximação de emergências do inconsciente coletivo e vivências singulares, reconhecendo a abertura de possibilidades.

Para tanto, o presente trabalho dedicou-se a identificar e compreender os reflexos do inconsciente coletivo expressos em narrativas de mulheres negras brasileiras – referentes ao processo de objetificação de seus corpos – investigar suas estratégias de resistência e analisar possíveis sentidos de erotismo presentes nesses relatos.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa de campo, conforme Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2000), objetiva relacionar determinada teoria com a análise de dados, gerando, assim, uma nova construção. Tendo isso em vista, para elaboração desse estudo, a princípio fez-se um levantamento bibliográfico sobre o tema, para maior familiarização com as questões em pauta. Em seguida, realizou-se uma pesquisa de campo de base qualitativa, composta por entrevistas semiestruturadas mediante um roteiro de seis perguntas, a fim de compreender a experiência de mulheres negras brasileiras em relação à figura dos seus próprios corpos e as possíveis influências de significados construídos socialmente sobre tais corpos.

Vale destacar que as entrevistas foram elaboradas com base no método fenomenológico, o qual Bicudo (2000) descreve como a perspectiva de ir ao encontro dos fenômenos e suas possibilidades de sentidos a serem expressas, sem reduzi-los a generalizações e entendendo suas multiplicidades de possibilidades, deixando-os, assim, se expressarem fiéis a si mesmos.

Após elaboração, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética dos Institutos Superiores de Ensino do CENSA (ISECENSA), tendo aprovação registrada sob o número 38311420.0.0000.5524, que corresponde ao Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE).

Em seguida, foram selecionadas cinco mulheres que se autodeclararam negras, maiores de dezoito anos e com plena capacidade civil. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e receberam uma cópia deste.

As entrevistas foram realizadas individualmente, de forma online – pelo aplicativo *Google Meet* – respeitando, assim, o isolamento social necessário devido à pandemia da Covid-19. Além disso, o dia e a hora da reunião foram acordados previamente entre a entrevistadora e cada uma das entrevistadas. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas.

Em suma, as perguntas abordaram temas como autopercepção do vínculo com o próprio corpo, influências do meio social brasileiro nessa percepção e questionamento sobre vivências de hiperssexualização.

Vale ressaltar ainda que, para preservar a identidade das participantes e assegurar a discrição das informações concedidas, ao início das entrevistas cada uma delas escolheu o próprio pseudônimo a ser utilizado nessa pesquisa.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados analisados nesta pesquisa provêm das entrevistas mencionadas acima. É importante salientar que, a fim de garantir melhor compreensão do seu conteúdo, a análise foi estruturada na ordem de realização das perguntas – os parágrafos em recuo consistem em trechos das respostas das participantes. As entrevistadas consistiram em 5 mulheres na faixa etária entre 22-26 anos, todas cursando o ensino superior e estado civil de quatro entrevistadas constando como solteira, apenas uma casada.

Para Nogueira (1999), investigar o corpo revela inúmeras representações sociais vigentes, permitindo compreender melhor os pilares de uma sociedade e seus sistemas de significado. Diante disso, a primeira pergunta teve como objetivo motivar as entrevistadas a falarem livremente sobre a relação com o próprio corpo.

Sobre padrões de beleza e interpretações de si, houveram as seguintes respostas:

*“Minha relação com meu corpo eu acho que é uma guerra ainda não definida. É... Tem coisas que eu admiro em mim, acredito que não mudaria em mim, mas também, ao mesmo tempo, tem coisas que eu acredito que tem como mudar, esteticamente falando” – Maria*

*“A relação que eu tenho com meu corpo é uma relação que eu tive que, com o tempo construir, essa relação boa assim, que fosse saudável pra mim. Eu, muitas vezes, me via no espelho e me achava desconfortável com o meu corpo, sabe? Eu sempre achava que eu tinha que emagrecer, eu sempre achava que eu tinha que seguir um padrão, que muitas vezes não era nem necessário assim eu estar tentando me enquadrar naquela forma. [...] Eu tava olhando as fotos antigas do meu corpo e eu via que eu tava ótima e não chegava pra mim dessa forma né, eu achava que eu tava muito acima do peso, que eu tinha que emagrecer, mudando minha alimentação, tentando fazer dietas loucas, chás e tal, pra eu poder me encaixar numa coisa que muitas vezes não tinha necessidade disso” – Lua*

*“Na minha adolescência, quando eu paro pra pensar na escola, ou em amigos, assim, eu lembro muito que eu não gostava do meu corpo, que eu sempre admirava as meninas que tinham peitão e bundão, mas a barriga chapada, tipo mais magra, que era o que a televisão apresentava como o bonito e também que os meninos gostavam né, tipo, o que era atraente. Então assim, eu acho que toda essa questão influenciava em como eu via o meu corpo e principalmente por ser negra e isso influenciava também no sentido de que parecia que as meninas brancas magras eram mais bonitas que as meninas negras e gordas, então eu acho que isso foi uma questão que influenciou na minha adolescência, de ver que as meninas brancas e magras conseguiam tipo paquerar melhor e conseqüentemente isso foi causando tipo alguns traumas e coisas pequenas, que na verdade não são pequenas né” – Ana*

*“Eu acho que o meu padrão é um padrão bonito, mas eu acredito que o meu padrão acaba não sendo tão bonito como o social prega, entendeu? Eu acho que mesmo eu achando meu padrão de corpo, meu padrão de cor, meu padrão de pele bonito, eu ainda acho que o meu padrão não é o padrão que as pessoas ou que a sociedade prega.” – Maria*

*“Ainda tem os padrões de beleza que continuam sendo impostos. Hoje a gente tem o... A gente ainda vê muito esse movimento negro, as pessoas querendo, todo mundo querendo ser negro, sabe? Todo mundo querendo trazer um pouco disso ‘Ah, porque meu pai, meu avô...’ Enfim... e aí a gente começa a enxergar mais ou menos as pessoas pretas como bonitas, né. De uns tempos pra cá as pessoas começaram a ver beleza no preto e aí todo mundo quer ser preto. E também outra questão é que as pessoas começaram a admirar os corpos das pessoas negras e aí fica nesse questionamento, né, até que ponto as pessoas admiram, porque pra continuar sendo*

*uma capa de uma revista muito grande ou ser modelo pra uma marca de biquíni, ainda temos muito padrões de pessoas magras, de pessoas brancas. Eu, particularmente, agora que tô trabalhando com isso, eu vejo que tem muita marca que não trabalha, tipo assim, não é que não trabalha, mas que, olhando o instagram da marca, você não encontra pessoas sem ser magra e pessoas pretas, você não vê. Então isso é uma comprovação de que ainda existe um padrão eurocêntrico.” – Ana*

Pôde-se observar que a maioria relatou um conflito em sua autoestima, indicando a imposição de padrões estéticos. Assim, é possível relacionar algumas declarações das entrevistadas com a aplicação social de significantes. O surgimento de padrões ocorre pela repetição de estereótipos que são impressos na sociedade, determinando uma norma. Essas repetições são reproduzidas pela linguagem, muitas vezes inconscientemente, e orientam determinados comportamentos humanos (TELES; ADI, 2016).

Nogueira (1999) afirma que o corpo pertencente a uma mulher negra exprime um simbólico reprodutivo da sociedade e de construções particulares, que vai se modificando a partir do meio social em que se encontra. Assim, segundo Teles *et al.* (2016), os padrões funcionam como uma ferramenta de manutenção da ordem estabelecida, transmitindo a ideia de normalização, isto é, algo aceitável socialmente. Silva (2000) esclarece que a normalização é um princípio da lógica de poder. Ao normalizar algo, elegem-se características, identidades, etc. como parâmetros, instituindo, assim, hierarquias entre as diferenças.

Deste modo, Silva (2004) aponta padrões de beleza como uma expressão do inconsciente coletivo que, manifestado socialmente sob pilares racistas e machistas, revelam estereótipos e discriminações que promovem a desvalorização de si mesmo, provocando marcas psíquicas. Ferreira (2008) descreve o corpo como matéria repleta de signos que revelam a relação do indivíduo com a sociedade, além de ser uma espécie de porta-voz do embate entre esferas que produzem subjetividades, como a política, a religião e a cultura.

A concepção de Silva (2000) sobre violência simbólica – a qual ocorre por meio de estereótipos etnocêntricos – como uma ferramenta que promove a desigualdade de poder, presente na estrutura socio-histórica da lógica eurocêntrica no Brasil (NOGUEIRA, 1999), o que pôde ser percebida na fala das entrevistadas quando questionadas sobre o padrão de beleza que elas mais consideravam que as afetava.

Em seguida, outra pergunta do roteiro consistiu em uma autoanálise em relação às influências do meio social.

*“Eu acho que o meio social que a gente tá inserido interfere em tudo na nossa vida. Interfere na nossa forma de pensar, interfere na nossa forma de agir, em tudo que a gente faz é movido, eu sinceramente acredito que não é movido por nós mesmos, não é vontade própria, a gente faz porque algo nos motiva a isso, ou as vezes nos força a isso. Então eu acredito sim que o meio social interfere na forma como a gente vive e influencia todas as mulheres a se olharem de alguma forma, porque assim, se fosse uma sociedade em que o padrão de beleza fosse outro, se fosse ser gorda e preta, todo mundo ia querer ser gorda e preta. Ia estar todo mundo lá fazendo bronzamento e comendo um monte de besteira pra poder ficar com o corpo mais gordo, então eu acho que essa é a questão, a gente atua e vive de acordo com o que a sociedade nos impõe.” – Ana*

*“Meio social e rede social também. Eu acredito que uma jovem tá incluída, né, num mundo onde a gente vive, onde a rede social, instagram, essa era de digital influencers, digital o tempo todo pregando o que é o corpo perfeito, a maquiagem perfeita, a foto perfeita. Eu acho que o social interfere muito, muito.” – Maria*

*“De modo geral sim, porque eu tenho sempre que estar um pouco à frente do que a sociedade pede ou porque, se eu não estiver à frente das outras mulheres padrão, digamos assim, perante a sociedade, que são mulheres brancas, eu vou estar sendo inferior né, a todo mundo, o tempo todo. Então eu tenho que estar sempre à frente do que a sociedade pede para que eu me sinta socialmente respeitada.” – Isabela*

Jung (2014) comunica que o que faz um grupo ser classificado como tal é a reunião de pessoas. Logo, o que define a humanidade é a sua composição: uma junção de cada indivíduo. Assim, da mesma forma que algo próprio da comunidade afeta cada sujeito, cada sujeito interfere na sociedade – concluindo-se que ninguém é livre de influências culturais. De igual modo, todas as participantes registraram que conseguem perceber aspectos sociais repercutirem em suas vidas.

Isabela aborda uma questão passível de interpretação sob a ótica do arquétipo da superioridade-inferioridade vivenciado no contexto histórico brasileiro desde o período colonial através da imagem arquetípica da Casa Grande e Senzala (FREYRE, 2006). Nogueira (1999) declara que a racialidade denota significados conferidos por meio das relações sociais e que o negro no Brasil revela heranças históricas que ainda se presentificam na atualidade – corroborando, assim, a afirmação de Gonzales (1984): no cerne da cultura nacional, existem reflexos da união do racismo com o sexismo.

Adiante, foi questionado se essas mulheres já observaram ou vivenciaram em suas relações sociais possíveis sentidos de erotismo exacerbado e hiperssexualização. Diante disso, todas confessaram já terem sido notadas por essa perspectiva em algum momento de suas vidas.

Quanto ao signo da hiperssexualização, houveram as declarações:

*“Alguns anos atrás, na verdade eu me enxergava tipo, o meu corpo muito nesse sentido da sexualização né, que as pessoas sempre tratavam, por eu ter quadril largo e bunda grande, como se isso fosse uma coisa muito grande, assim, como se fosse uma coisa... assim, eu sou cristã né, então na igreja, por exemplo, qualquer tipo de roupa que eu vestia, um vestido mais curto ou um short, as pessoas já enxergavam isso como se eu tivesse querendo chamar atenção pro meu corpo, sendo que outras meninas magras e... Não sei, acho que não vou falar da questão racial aqui, ser branca ou não, mas vou falar das magras, de meninas mais magras com a perna fina, sem quadril largo, elas poderiam usar short curto ou vestido que passava batido, isso não era uma questão. Então assim, eu sempre ficava com essa de que eu mostrar o meu corpo é uma questão errada, nesse sentido de que eu vou fazer com que outra pessoa enxergue ele como algo sexualizado, sabe? Porque era essa o que passavam pra mim, que eu não podia usar, que eu não podia chamar atenção pro meu corpo. Sendo que, aí quando você vai crescendo, você acaba vendo que é uma coisa que acontece, quando você coloca um short curto, ou até mesmo de calça, as pessoas já te enxergam, já te olham na rua, os homens né, já te olham na rua e te enxergam dessa maneira. Então assim, acho que não é nem a questão da roupa nesse caso, é mais a questão do estilo corpóreo mesmo, que chama atenção e isso acaba sendo prejudicial nesse sentido de que dá a entender que o nosso corpo é feito para que outras pessoas sintam prazer, sabe? Ou desejo.” – Ana*

*“Até mesmo por olhares também dos outros, que vem de fora. As vezes comentários que são feitos, né, de uma forma que... Como se... Até de homens né, falando assim de homens, que passam na rua e mexem com a gente, as vezes tem essas. Já aconteceu várias vezes de homens assim falando “nossa, que gostosa” né e tal, de uma forma puxando bem pro lado sexual mesmo e isso já aconteceu muito comigo.” – Lua*

*“É complicado falar sobre isso né, porque a gente acaba generalizando né, mas é... Em relação aos relacionamentos com pessoas, com homens né, brancos, eu acho que eles têm a pretensão de ver a mulher negra apenas como um objeto sexual, então a todo tempo eu passo por esse tipo de situação. Eu já me armo, já fico armada, mesmo quando não é uma pessoa que tende ter esse tipo de comportamento, mas pelos outros casos, pelas outras situações, por outras situações que eu já passei, eu me vejo assim, em relação à maioria dos relacionamentos que eu tenho.” – Isabela*

*“Sim, sim, sim, sim. É... Principalmente quando eu estava num relacionamento aí né, com um homem branco e... Eu me sentia muito assim, né...” – Nola*

Nogueira (1999) comenta que as raízes da hiperssexualização de mulheres negras encontram-se na objetificação, em que se acreditava – desde o período colonialista – que o caráter sexual conferido à mulher negra pertencia à sua essência. Nesse viés, a escravidão caracterizou-se por atribuir sentido de mercadoria aos negros, sendo que, segundo Freyre (2006), no caso das mulheres, não havia escravidão sem servidão sexual, tendo os senhores as enxergado como simples mercadoria.

O teórico Martin Buber (2001) explica que o homem é um ser relacional e descreve dois tipos específicos de relação, que ele categoriza como: relação Eu-Tu e relação Eu-Isso – as quais envolvem diferentes formas de enxergar o outro que, por sua vez, norteiam maneiras distintas de agir. A relação Eu-Tu, é estabelecida quando um sujeito reconhece outro como seu semelhante, compreendendo sua totalidade e liberdade, é um encontro recíproco em que as subjetividades são respeitadas. A relação Eu-Isso, por outro lado, é, por essência, um contato que visa atingir uma finalidade, caracterizando-se pela utilização de algo (ou alguém) para alcançar tal objetivo. Sabendo-se que relação é passível de variação, existe a possibilidade de inversão entre os modos de agir, pois não há uma imutabilidade predeterminada quando as relações são estabelecidas (BUBER, 2001).

Assim, no comportamento relacional Eu-Isso o outro é interpretado como um objeto, servindo apenas para atingir determinado propósito, e não para desenvolver uma relação genuína – pois não se considera o seu todo. Jung (2015) salienta que na identificação arquetípica de dominação ocorre a anulação do outro, o que se enquadra nos estereótipos racistas quando suas particularidades são ignoradas, existindo a possibilidade de objetificação.

A imagem arquetípica da mulata – que revela a concepção da mulher negra brasileira fogosa, detentora de uma libido intensa e intrínseca – conforme Gomes (2009), gera impactos afetivo-relacionais na vida dessas mulheres. Ao longo do período colonial, como expõe Nogueira (1999), as mulheres pretas foram associadas a uma condição mercadológica que correspondia à utilidade reprodutiva e mão de obra, encontrando-se, conseqüentemente, impedidas de obter qualquer vínculo afetivo e reduzidas, muitas vezes, aos prazeres carnavais e tarefas domésticas – sendo, portanto, coisificadas pela hiperssexualização. Nogueira (1999) destaca ainda que, apesar de os anos terem passado, o imaginário social continua a reproduzir, ainda que inconscientemente, tais significações.

Para Gonzales (1984), o signo “mulata” não está relacionado ao fenômeno da miscigenação ou ao mito da democracia racial, mas a um conjunto de estereótipos que caracterizam uma suposta prática profissional, sendo, no decorrer do carnaval, enaltecido e recarregado com toda sua potência energética simbólica. Pode-se observar, a exemplo dessa representação arquetípica, a figura da Globeleza, a qual ganha foco e exaltação nacional durante a celebração mencionada e na qual ganha destaque na mídia, reforçando esse



simbólico no imaginário social (RIBEIRO-ANDRADE *et al*, 2021) . Sobre esse tema, Nola lembra-se:

*“Eu tava lembrando de uma coisa esses dias que, quando eu era criança, tinha um amigo do meu pai que me chamava de Globeleza... E, tipo assim, eu não sei se ele já estava vendo um futuro sobre mim né, sobre o meu corpo ou alguma coisa do tipo ou se era só um apelido inocente né, mas fico pensando que, tipo, Globeleza é conhecida por ser uma mulher que samba e tal, tem todo o estereótipo da mulher brasileira né, negra, pelada, sambando, dançando...” – Nola*

A seguir, outra pergunta do roteiro abordava a interpretação e as experiências das entrevistadas sobre o fato de serem mulheres negras no Brasil, buscando entender o que isso significa para elas:

*“Pra mim, pra ser uma mulher negra no Brasil você precisa ser melhor né, duas vezes, três vezes melhor no que você vai se propor para fazer... É... Complicado porque a gente tem que passar pelo processo de... Passar pelas opressões né, tanto de machismo quanto de racismo e todas as complicações dessas pressões né, então acho que ser uma mulher negra no Brasil é complicado.” – Nola*

*“Eu acho que significa revolução. Você lutar contra tudo e todos e, sinceramente, assim, hoje trabalhando com o instagram, e tentando produzir conteúdo, eu acho que é eu remar contra a maré e com garras, unhas e dentes, porque você ser reconhecida como mulher negra e ter reconhecimento, não é questão de ser reconhecida, mas de ter reconhecimento, é muito mais difícil. Então você se posicionar, sabe? Porque uma coisa que eu percebo muito é que as pessoas só gostam de ouvir ou prestar atenção na mulher negra quando ela fala apenas sobre esses assuntos. Por exemplo, aquela menina... quando a Nataly Neri, ela fala muito sobre racismo, essas questões, e as pessoas dão muita visibilidade pra ela, ou outras blogueiras ou influencers que são pretas acabam sendo famosas por falarem desses assuntos. Então parece que preto só sabe falar disso, só sabe falar de racismo, desses assuntos. Eu concordo que a gente tem que falar, não tô discordando disso, mas eu tô falando que parece que a gente não faz outra coisa sabe? Parece que a gente não cria conteúdo, que a gente não sabe fazer foto, que a gente não sabe fazer maquiagem, sabe? Então eu acredito assim, que é uma revolução eu ser mulher preta e falar sobre um assunto, além de falar sobre um assunto, incentivar meninas brancas sabe? Tipo, em relação ao corpo, por exemplo. Eu acho muito legal isso, porque eu não tenho um nicho só de pessoas pretas, e não é a minha intenção, porque eu quero realmente alcançar todo mundo, pra mostrar que mulheres pretas são tão inteligentes, ou o que for, quanto qualquer pessoa, então eu acho um ato revolucionário você se posicionar e você seguir uma linha, uma profissão e viver não como mulher preta, mas como mulher, numa sociedade racista, homofóbica e machista, isso tudo. Então sim, eu acho que é uma revolução.” – Ana*

*“Acho que significa ser uma mulher que tem que fazer dez vezes mais do que aquilo que qualquer outra mulher tem que fazer, porque, como eu já falei né, se for ao contrário a gente fica pra trás, então a gente tem que batalhar muito mais pra poder garantir o nosso espaço, porque na maioria das vezes somos julgadas pela cor da nossa pele e não pela nossa capacidade, principalmente aqui dentro do Brasil, infelizmente. Então ser uma mulher negra no Brasil é ser uma mulher que tem que estar disposta a correr a frente do tempo né, pra poder conseguir o que deseja, alcançar minhas metas, meus sonhos e é isso.” – Isabela*

Acerca disso, Gonzales (1984) pondera sobre os papéis sociais em que há aceitação da mulher preta – ocupando, entretanto, espaços predeterminados – nos sistemas capitalista e colonial, bem como os requisitos que lhe são impostos para sua mínima validação ao ser realizada uma escolha que não condiz com a lógica existente. Dessa forma, o entendimento de

um local de fala e ocupação específicos – isto é, preestabelecidos por um padrão– demonstram a estruturação racista da sociedade. Nesse sentido, as entrevistadas relataram de que modo tais significantes sociais fazem com que seja necessário maior esforço por parte delas para que possam conquistar diferentes posições sociais, e não apenas aquelas aceitáveis.

Em sua resposta, Maria narra um episódio em que teve sua identidade racial questionada mediante uma tentativa de suavização da sua negritude por parte de terceiros. Maria conta:

*“Desafiador demais, né. É... Porque uma vez, inclusive, achei até engraçado isso, mas que ainda bem que a gente tem um certo conhecimento pra poder conseguir debater. Uma vez eu ouvi assim ‘Você não é negra.’. E eu fiquei assim: ‘Por que que eu não sou negra? Eu sou negra sim!’. ‘Ah não, seu tom de pele é um tom de pele mais claro, você é uma morena’. Então assim, infelizmente o tom de pele ainda é colocado como um privilégio, os tons do negro, do mais claro ao médio e outros tons de negro acabam tendo não tanto privilégio. Mas, eu me considero sim uma mulher negra. Eu acho sim que a minha posição, o meu papel ainda é muito atacado, ainda é muito mal visto. Tanto é que inclusive levar o jaleco com o nome da faculdade, as pessoas acham que talvez uma pessoa negra não é capaz de estar estudando numa faculdade particular. Então acredito que sim, ainda tem muito preconceito, do negro ter previsões mais baixas que o branco.” – Maria*

Ao lidar com essa situação, ela reforça sua identidade e trata do colorismo. A partir da falsa ideia da democracia racial, propagada muito fortemente por Gilberto Freyre (2006) e pelo período higienista no Brasil, o colorismo – termo que designa as variações de pigmentação na pele – ainda hoje é utilizado como uma ferramenta de segregação racial.

Segundo informações do IBGE, a população negra no Brasil é atualmente reconhecida pelo somatório de autodeclarações entre pretos e pardos, (*apud* FRANCISCO, 2018). Porém, desde a escravização, seguida pelo higienismo brasileiro, observa-se uma hierarquização racial, de origem eurocêntrica, que visa ao embanquecimento populacional. Nesse contexto, o colorismo, em sua leitura social, tem provocado a aproximação de alguns sujeitos com a branquitude, concedendo-lhes, assim, oportunidades melhores se comparadas às disponibilizadas aos demais – aqueles que se encontram afastados da brancura (FRANCISCO, 2018).

A noção de raça não se baseia em um critério biológico ou científico, mas é um produto social, utilizado frente à diversidade humana para lidar com a diferenciação identitária de grupos. No decorrer da história, o uso desse conceito fundamentou diversas violências e atuou como instrumento de dominação no território brasileiro, principalmente sobre os povos nativo e negro (FRANCISCO, 2018; SILVA, FARIA E TEIXEIRA, 2021).

A mistura de raças, conhecida por miscigenação ou mestiçagem, origina-se no projeto de aniquilação dos negros – que planejava embranquecer cada vez mais a população, sendo proposto no Brasil como uma política pública – e em inúmeros estupros (FREYRE, 2006).

A última pergunta pretendia investigar possíveis estratégias de resistência frente às irradiações arquetípicas, abordando parâmetros do processo de individuação das entrevistadas e como lidaram com seus processos de encarar seus corpos:

*“A partir do momento que eu comecei a ver beleza em mim, que acho que foi nesse momento que eu passei pela transição e aí eu comecei a enxergar meu cabelo, comecei a pentear meu cabelo de forma mais solta, o black e tudo, eu comecei a enxergar beleza em mim, sabe? Eu acho que foi isso. Quando eu comecei a*

*enxergar que eu era bonita e que eu era tão bonita quanto as outras meninas brancas.” – Ana*

*“Acho que a terapia em si me ajudou muito e eu também busquei muito trabalhar isso em mim, de me questionar, sabe? Porque muitas vezes a gente acaba tendo falas que às vezes vêm até nós e a gente acaba vendo coisas sobre nós ao se olhar no espelho e às vezes a gente já tem uma coisa pronta né, que é muito por esse lado social e eu tive esse cuidado de me questionar a partir disso, de comentários que eu tinha sobre mim mesma, de tentar buscar ressignificar esses comentários, como um modo de eu poder olhar pra isso como uma forma que vá me ajudar, que vá ser positiva pra mim e não como algo que vai me afetar. Então eu busquei isso, me questionar e fazer terapia, trabalhando isso em mim da melhor forma.” – Lua*

*“Ser mais leal à minha essência, a mim mesma, ao que eu quero fazer e passar por cima disso, dessas questões.” – Nola*

*“O conhecimento, buscar ler, buscar entender o seu lugar, os seus direitos, estar mais perto de pessoas que tenham a mesma bandeira que a sua, a mesma forma de pensar que a sua, acaba agregando muito conhecimento, então acho que pra mim buscar conhecimento, seja pela internet ou seja conversando com pessoas que tenham mais entendimento, eu acho que tem me colocado numa posição mais presente, no meu ponto de vista.” – Maria*

*“Atualmente eu estou numa fase de completa aceitação né, eu me... Digamos que o meu processo de empoderamento enquanto mulher e enquanto mulher preta ele chegou num momento assim de aceitação total, de reconhecimento de mim, enquanto mulher e atuante na sociedade, então eu estou assim, me amando demais e acho que o momento é esse. O amor próprio tá falando muito alto!” – Isabela*

É possível notar que cada uma, de acordo com suas particularidades e interpretações sociais, optou por um caminho. O processo de individuação acarreta a conscientização sobre si mesmo e sobre interferências externas – ao permitir perceber como estas influenciam na vivência pessoal – além de possibilitar novos caminhos e modos de agir. A individuação, para Jung (2015), proporciona a singularidade, ou seja, apropriar-se do ser único que cada indivíduo é, sendo um processo realizado por toda a vida – pela sucessiva conscientização – findando somente com a morte.

Diferindo-se do individualismo, a individuação é a noção das interfaces coletivas e das propriedades individuais, bem como sua relação e seus atravessamentos. Já o individualismo consiste em uma predominância excessiva do particular em detrimento do coletivo (JUNG, 2015). Assim, a individualidade – sendo o referencial do sujeito posicionado entre o pessoal e o social – é responsável por distinguir os conteúdos coletivos dos singulares, bem como reconhecer suas interferências.

A individuação – como percurso que colabora para a unicidade, ou seja, o tornar-se cada vez mais único e autêntico enquanto ser – na medida em que vai decorrendo, vai auxiliando na percepção dos atravessamentos arquetípicos e dos conteúdos inconscientes que os permeiam – tanto impessoais quanto pessoais – e, assim, possibilita mudanças (JUNG, 2015). Sendo a humanidade formada por um conjunto de indivíduos, cada processo particular de individuação refere-se também a mudanças no coletivo: desvelamento de novos sentidos e outras possibilidades sociais.

Assim, alguns temas foram mais recorrentes nas entrevistas: a tarefa conturbada de lidar com o próprio corpo mediante interferências externas, a imposição dos padrões de beleza e suas representações – que atravessam, muitas vezes, o campo racial, reproduzindo um

modelo eurocêntrico de beleza – a hiperssexualização do corpo negro feminino desde a infância, o sentimento de necessidade de empenho intensificado para se alcançar os próprios objetivos e reconhecimento e, ainda, a importância do autocuidado e do amor próprio para se conseguir enfrentar as adversidades sociais.

Por meio das narrativas, foi possível observar experiências de vida que se encontram e também divergem em vários momentos: os reflexos do inconsciente coletivo, que permeiam a sociedade, manifestaram-se segundo padrões e imposições, porém cada entrevistada vivenciou tais interferências e atribuiu sentido a elas de acordo com suas vivências pessoais.

À vista disso, a conscientização sobre as influências socio-históricas nas estruturas contemporâneas revelaram-se importantes para o conhecimento de origens, dos modos de reprodução de significados socialmente instituídos e para pensar estratégias de enfrentamento dessas questões que conduzam a novas possibilidades – sendo o processo de individuação um exemplo dessas estratégias por conferir aos sujeitos o conhecimento tanto sobre si quanto sobre o coletivo.

#### 4. CONCLUSÕES

O desvelamento de novos sentidos e possibilidades de posicionamento na sociedade, rompendo com ideais colonialistas, tem sido crescente. Nessa perspectiva, o gradual questionamento de padrões e estereótipos, muito propiciado pelo Movimento Negro no Brasil, e o confronto das estruturas sociais vêm sendo fundamental para mudanças progressivas no país. Porém, ainda há muito a ser feito, pois, a partir das entrevistas, pôde-se notar que o arquétipo de superioridade ainda está presente no Brasil, promovendo repetições de padrões arquetípicos coloniais. Além disso, o corpo da mulher negra brasileira ainda é objetificado, em amplos aspectos, quando não percebido em sua totalidade, ou seja, a relação Eu-Isso ainda se mantém muito presente.

Ainda, os padrões de beleza, de natureza eurocêntrica, e a pressão social para se atingir o corpo perfeito se revelaram, conforme os relatos das entrevistadas, um dos principais conflitos entre o pessoal e o coletivo. Em contraposição a isso, aceitar a si mesmo enquanto ser único, como afirmou Ana, mostra-se uma revolução que possibilita mudar os padrões e imagens arquetípicas.

Outra questão que se pôde observar foi o sentido de erotismo e hiperssexualização emergindo em experiências afetivas. O sentimento de equivaler-se a um simples objeto de prazeres sexuais em relacionamentos, a cobrança de desempenho e a exaltação do corpo se revelaram agentes de marcas psíquicas e de um comportamento de defesa no campo afetivo.

Em vista disso, o processo de individuação esteve presente nas diferentes escolhas e estratégias de resistência, sendo, na maioria das vezes, manifestado por meio de uma perspectiva mais autêntica de si mesma, com mais cuidado e amor – fator que promoveu uma mudança de dentro para fora e fortaleceu o pessoal para enfrentar o impessoal.

Com isto, foi possível perceber que as expressões do inconsciente coletivo manifestaram-se a todo instante, revelando, desse modo, a importância de identifica-los e compreendê-los a fim de se encontrar alternativas para mudanças de sentidos. Nesse viés, a educação pode ser um meio para a alteração das estruturas sociais, visando um futuro diferente.

Desta forma, o artigo atingiu seu objetivo ao amplificar os ecos do inconsciente coletivo manifestos nas narrativas de mulheres negras brasileiras sobre seus sentidos e vivências a partir de seus corpos. Em resumo, o presente estudo convida a um encontro com os fenômenos examinados, por meio de um resgate histórico em união a narrativas contemporâneas, a fim de se entendendo a relevância do inconsciente coletivo no meio social. Assim, entende-se que quanto mais houver incentivo à conscientização sobre os conteúdos trabalhados nessa pesquisa mais a individuação será promovida e, dessa forma, a sociedade avançará em direção à compreensão das particularidades de cada indivíduo e as interferências coletivas.

## 6. REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 2000. Disponível em: < [https://www.academia.edu/17749066/O\\_M%C3%A9todo\\_nas\\_Ci%C3%A7ncias\\_Naturais\\_e\\_Sociais\\_Pesquisa\\_Quantitativa\\_e\\_Qualitativa](https://www.academia.edu/17749066/O_M%C3%A9todo_nas_Ci%C3%A7ncias_Naturais_e_Sociais_Pesquisa_Quantitativa_e_Qualitativa)>. Acesso em: 20 set. 2020

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez Editora, 2000. Disponível em: < [http://www.mariabicudo.com.br/resources/CAPITULOS\\_DE\\_LIVROS/Sobre%20a%20fenomenologia.pdf](http://www.mariabicudo.com.br/resources/CAPITULOS_DE_LIVROS/Sobre%20a%20fenomenologia.pdf)>. Acesso em: 17 out. 2020.

BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001. Disponível em: < <file:///C:/Users/MICROSOFT/Downloads/martin%20buber-eu%20e%20tu.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

FERREIRA, F. R. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, v.12, n.26, p.471-83, jul.-set. 2008. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/icse/v12n26/a02.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2020

FRANCISCO, M. Discursos sobre colorismo: educação étnico-racial na contemporaneidade. **Revista Ensaios Filosóficos**, Rio de Janeiro, v. XVIII, p.97-109, dez. 2018. Disponível em: < [http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo18/07\\_FRANCISCO\\_Ensaios\\_Filosoficos\\_volume\\_XVIII.pdf](http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo18/07_FRANCISCO_Ensaios_Filosoficos_volume_XVIII.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2020.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal**. 51.ed. São Paulo: Global, 2006. Disponível em: < <file:///C:/Users/MICROSOFT/Downloads/Gilberto%20Freyre%20-%20Casa-Grande%20e%20Senzala.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2020

GONZALES, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1984, p.223-244. Disponível em: < [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2020.

GOMES, M. S. **Marketing Turístico e Violência contra as Mulheres: (des)(re)construções do Brasil como paraíso das mulatas**. 2009. 131 f. Tese (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18449/000729284.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 fev. 2020

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. 27.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. Disponível em: <<https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/05/jung-c-psicologia-do-inconsciente.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2020.

NOGUEIRA, I. B. **O Corpo da Mulher Negra**. In: Encontro Sul-Americano dos Estados Gerais da Psicanálise, 135., 1999, São Paulo. Pulsional Revista de Psicanálise, 1999. 40-45. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/o-corpo-da-mulher-negra-isildinha-b-nogueira.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

RIBEIRO- ANDRADE, E. R.; SIQUEIRA M. R.; AZEREDO C. V.; MELO R. F. B.; BRITO R. R. C. **A mídia e as publicações sobre o fenômeno adictivo**. Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas, v.11, n.34, p.69-87, 2021.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. 1975. 174 f. Tese (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1975. Disponível em <[https://www.academia.edu/30616235/O\\_Tabu\\_Do\\_Corpo\\_Jos%C3%A9\\_Carlos\\_Rodrigues](https://www.academia.edu/30616235/O_Tabu_Do_Corpo_Jos%C3%A9_Carlos_Rodrigues)>. Acesso em: 21 out. 2020.

SILVA, L. A.; FARIA, A. C. L.; TEIXEIRA, E. C. **Desigualdade racial no mercado de trabalho formal brasileiro**. Perspectivas Online: Humanas e Sociais Aplicadas, v.11, n.30, p.51-67, 2021.

SILVA, M. L. **Racismo e os Efeitos na Saúde Mental**. In: I Seminário de Saúde da População Negra, 2004, Brasília. p.129-132. Disponível em: <<http://www.mulheresnegras.org/doc/livro%20ledu/129-132MariaLucia.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2020

SILVA, T. T. da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. Disponível em: <[http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/banco/textos/SILVA\\_-\\_Identidade\\_e\\_Diferen%C3%A7a.pdf](http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/banco/textos/SILVA_-_Identidade_e_Diferen%C3%A7a.pdf)>. Acesso em: 17 out. 2020

TELES, L. M. S.; ADI, A. S. **Hipersexualização das Mulheres Negras: aspectos sócio-históricos e a influência da mídia**. 2016. 29 f. Monografia (Psicologia) - Faculdade São Francisco de Barreiras, Barreiras, BA, 2016. Disponível em: <[file:///C:/Users/MICROSOFT/Downloads/Hipersexualiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Mulheres%20Negras%20aspectos%20s%C3%B3cio-hist%C3%B3ricos%20e%20a%20influ%C3%Aancia%20da%20m%C3%ADdia%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/MICROSOFT/Downloads/Hipersexualiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Mulheres%20Negras%20aspectos%20s%C3%B3cio-hist%C3%B3ricos%20e%20a%20influ%C3%Aancia%20da%20m%C3%ADdia%20(2).pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2020.